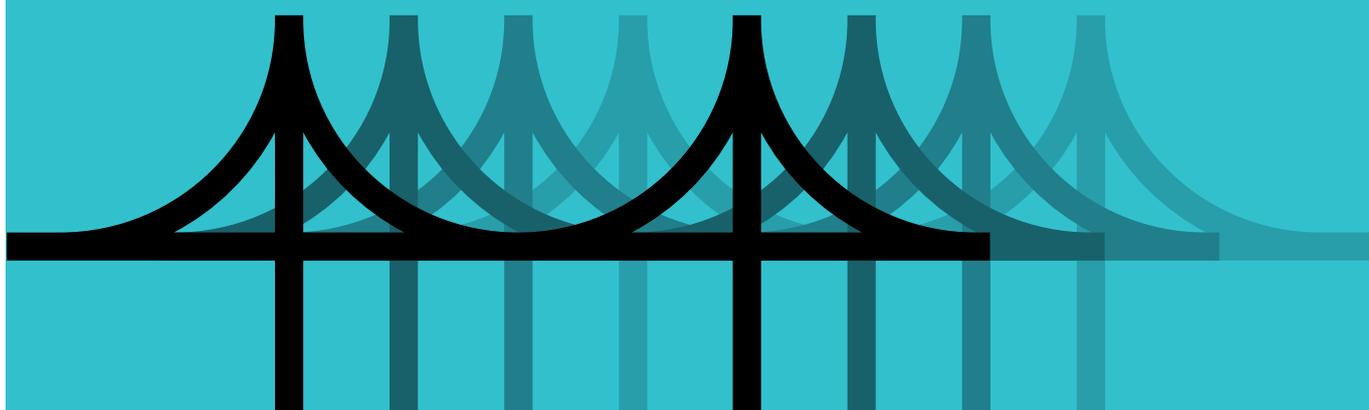


Lisbon Revisited

DIAS DE POESIA



CASA FERNANDO PESSOA
14 E 15 DE JUNHO 2018



PESSOA 130 ANOS



Poetas portugueses e estrangeiros,
alguns já conhecidos, outros ainda
por traduzir: encontros na Casa
Fernando Pessoa entre quem
escreve e quem lê poesia.

Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo

Com:

ADAM ZAGAJEWSKI *Polónia*

AMALIA BAUTISTA *Espanha*

ANA LUÍSA AMARAL *Portugal*

HARRYETTE MULLEN *EUA*

JORGE SOUSA BRAGA *Portugal*

LUÍS QUINTAIS *Portugal*

MARGARIDA VALE DE GATO *Portugal*

Com o poema
de Álvaro de Campos
presente, retomamos
os encontros internacionais
de poesia e apresentamos
a primeira edição de *Lisbon
Revisited — dias de poesia*
um programa de conversas
e leituras com poetas
de diferentes lugares.

14 e 15 de Junho são datas
para reservar na agenda: dias
de poesia, para assinalar,
também, os 130 anos do
nascimento de Pessoa.

Às 18h30 e às 21h30.

PESSOA **130** ANOS

Adam Zagajewski

*e agora não resta mais nada senão fazer à pressa
as malas, sempre, quotidianamente
partir sem descansar, ir a Lviv, porque ela
existe, tranquila e pura como
um pêssego. Lviv está em todo o lado.*

Regressa a Portugal 30 anos depois
do Encontro Internacional de
Escritores promovido pela Fundação
Wheatland, no Palácio de Queluz.

Nasceu em 1945, em Lviv, então território polaco. Cresceu em Gliwice, Silésia, e estudou Filosofia e Psicologia em Cracóvia. Membro da «geração de 68», refractária ao regime comunista, viu proibidos alguns dos seus livros. Exilou-se em Paris; foi professor na Universidade do Texas; regressou a Cracóvia em 2002. É actualmente professor visitante na Universidade de Chicago.

A sua obra tem sido objecto de um número invulgar de traduções, tanto a poesia como os volumes de ensaios e memórias. Referido frequentemente nas listas de preferidos para o Nobel, foram-lhe atribuídas diversas outras distinções, entre as quais o Prémio Literário Internacional Neustadt, o Griffin Poetry Prize e, em 2017, ano em que foi publicado em Portugal, o Prémio Princesa das Astúrias.

Sombra de Sombras, de 2017, é o seu único livro publicado em Portugal. Reúne poemas seleccionados a partir de sete obras, foi traduzido do polaco original por Marco Bruno, com revisão de Jorge Sousa Braga e publicado na colecção de poesia da Tinta-da-China, dirigida por Pedro Mexia.

A GAROTA DE VERMEER

*A garota de Vermeer, agora famosa,
olha para mim. A pérola olha para mim.
A garota de Vermeer tem a boca
vermelha, húmida e reluzente.*

*Ó garota de Vermeer, ó pérola,
ó turbante azul: és toda luz,
e eu sou feito de sombra.
A luz olha a sombra com altivez,
compreensão, talvez pena.*



*«Um dos mais
cativantes poetas hoje
vivos em qualquer
língua»*

Diogo Vaz Pinto, *Sol*

*«Zagajewski viu
na “beleza alheia”
a evasão e um factor
de contágio que excede
em muito o campo da
estética. Posto a beleza
ser a lente que potencia
a transmutação do
olhar e abre, nos termos
que o poeta usa, a
passagem da solidão
ao solidário.»*

António Cabrita, *Hoje Macau*

*«Escárnio, ódio,
desprezo pelo
totalitarismo estão
em todo o lado na sua
obra; mas também
a desconfiança
em relação ao
antitotalitarismo,
o outro selo que
desfigura a cera
da realidade.»*

Adam Kirsch, *Introdução*

**Lisbon
Revisited**

DIAS DE POESIA

Amalia Bautista

*E sobretudo, que o que impressione
nessa foto não seja eu, que estou
ali, mas os teus olhos que a tiraram.*

É sua terceira visita a Portugal:
em 1998 e em 2013 Amalia Bautista
leu poemas seus em Lisboa, na
Biblioteca Nacional e na livraria
Paralelo W.

Nasceu em Madrid em 1962. Estudou Ciências da Informação na Universidade Complutense. Começou a publicar poemas em 1988. Os seus textos seus foram traduzidos para italiano, português, russo e árabe. É responsável pela edição, prólogo e selecção de *Juegos de Inteligencia*, antologia poética da escritora mexicana Rosario Castellanos, símbolo do feminismo latinoamericano.

Em português, foi possível lê-la pela primeira vez na edição *Poesia Espanhola de Agora*, em 1997, com tradução de Joaquim Manuel Magalhães, publicado pela Relógio de Água, e mais tarde num *Triptico Espanhol* publicado em 2005 pela mesma editora, onde é acompanhada por Pablo García Casado e Luis Muñoz.

Em 2013, a Averno publicou *Estou Ausente*. Referido como um dos livros do ano de 2013 em Portugal, foi traduzido por Inês Dias. Sobre estes poemas disse o jornalista Carlos Vaz Marques que são de uma «simplicidade enganadora porque não há nela o mais leve traço de lugar comum».

FIO DE SEDA

*Sempre acreditei que só as palavras
me saíam da boca, e eram elas
que me podiam adiar a morte.
Hoje sei que me sai da boca um fio,
transparente e tenaz como uma insónia,
que te atou à minha vida para sempre.*



**Lisbon
Revisited**

DIAS DE POESIA

Ana Luísa Amaral

*Queria um poema de respiração tensa
e sem pudor.*

*Com a elegância redonda das mulheres barrocas
e o avesso todo do arbusto esguio.*

Disse, em 2011, em entrevista
a Anabela Mota Ribeiro: «a ideia
de desarranjo está em todos
os meus livros».

Nasceu em Lisboa em 1956. Professora da Faculdade de Letras do Porto e membro da Direcção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, no âmbito do qual dirige o grupo internacional de pesquisa Intersexualidades, tendo coordenado projectos internacionais. Autora de mais de três dezenas de livros, quer de poesia, quer de teatro, quer de ficção, quer infantis. Traduziu diferentes autores, como Emily Dickinson, William Shakespeare ou John Updike. Os seus livros estão traduzidos e editados em países como Inglaterra, Brasil, França, Espanha, Suécia, Itália, Holanda, Colômbia, Venezuela, México ou Estados Unidos da América. As suas obras mais recentes em Portugal são *What's in a Name* (poesia, Assírio & Alvim, 2017) e *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (ensaio, Relógio D'Água, 2017). Os seus mais recentes livros no estrangeiro são *Oscuro* (trad. Luis María Marina, Zaragoza, Olifante, 2016) e *The Art of Being a Tiger* (trad. Margaret Jull Costa, Dartmouth, UK, 2016 e Tagus Press, USA, 2018). Obteve várias distinções, como a Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Matosinhos e a Medalha de Ouro da Câmara Municipal do Porto, ambas por serviços à Literatura, e diversos prémios, entre os quais o Prémio Literário Correntes d'Escritas, o Premio di Poesia Giuseppe Acerbi, o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, o Premio Internazionale Fondazione Roma, ou o Prémio PEN, de Ficção. Tem, com Luís Caetano, um programa semanal na Antena 2 sobre poesia, *O som que os versos fazem ao abrir*.



Fotografia de Onomatopeia

*«Estas palavras
celebram a
potencialidade
escondida dentro de
cada mulher — e a
espontaneidade da
própria vida, mesmo
na contemplação
repentina da morte»*

Lee Yew Leong, *The Guardian*

MEDITERRÂNEO

os mares de Homero deixaram
de trazer, esbeltas, as suas naves

*em nome dos sem nome, continua.
por desertos de areia, desertos sem
sentido, continua. por rostos no deserto,
os do sem nome ou rosto, continua.
ao fundo do deserto, diz-se gotas de
sangue e grãos de areia, a esfinge
no deserto, continua. no verdadeiro
nome do espesso fluido que se diz
vital, em toneladas certas, continua.*

os divinos moinhos moendo devagar
fina farinha, inúteis mares de pó.

Harryette Mullen

Retirada no dossel do quarto, acesa a luz de cabeceira, vou para a cama com o dicionário, fincando unhas e dentes no volume integral, repleta do peso de todos os significados entre as cobertas, alisando lençóis leves de páginas, densos com sílabas acentuadas.

Pela primeira vez em Lisboa, os seus poemas ainda não foram publicados em Portugal.

Harryette Mullen nasceu no Alabama (1953) e cresceu no Texas. Dá aulas de poesia americana, literatura afro-americana e escrita criativa na UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles). Escreve poemas, contos e ensaios. Começou a publicar quando frequentava a escola secundária.

O seu trabalho foi seleccionado em várias antologias, recebeu prémios como o Jackson Poetry, Katherine Newman Award para melhor ensaio sobre literatura multi-étnica dos Estados Unidos e o Prémio Gertrude Stein para Poesia Inovadora.

Os seus poemas foram traduzidos para espanhol, francês, alemão, português do Brasil, polaco, sueco, dinamarquês, turco e búlgaro. Publicou sete livros de poemas, incluindo *Recyclopedia* (2006), vencedor do PEN Beyond Margins Award; *Sleeping with the Dictionary* (2002), finalista do National Book Award, National Book Critics Circle Award, e do Los Angeles Times Book Prize; *The Cracks Between What We Are and What We Are Supposed to Be* (2012), recolha de ensaios e entrevistas e *Urban Tumbleweed: Notes from a Tanka Diary* (2013).

As primeiras traduções de poemas de Harryette Mullen para português de Portugal foram feitas por Margarida Vale de Gato para o encontro Lisbon Revisited – Dias de Poesia, organizado em 2018 pela Casa Fernando Pessoa.

A 30 de Maio, Maria Sequeira Mendes dedica-lhe uma conferência no ciclo Poesia no Museu 2018, no Museu da Música.



Fotografia de Judy Natal

«Estas relações entre feminilidade, roupas e linguagem são maravilhosamente orquestradas num jogo de palavras que dramatiza assuntos complexos sobre género e cultura sem oferecer respostas fáceis ou previsíveis»

Elizabeth A. Frost, *Women's Review of Books*

UMA VEZ PARA SEMPRE

Havia uma vez certa princesa que fez xixi na cama em cima de uma grande pilha de colchões, tão sensível era. Não falava com bichos mágicos nem viu a sua mãe transformar-se numa escada em caracol ou numa marreca. Os seus lábios eram. O seu cabelo era. As suas feições eram. A sua beleza ou a sua justa aparência. O que vestia. Nascera num tabuleiro de xadrez, com pais e irmãos, todos da realeza. Havia uma bruxa? Terá sido enfeitiçada ou drogada? Quando é que resolveu dormir? Ao sonhar com um cavaleiro de armadura, supôs que significava uma lança em riste. Viria ele, solícito, ao ataque, com serpentinhas. Algum sapo coaxaria. Algum coração, uma vez mordido, tossiria. Havia qualquer coisa vermelha. Havia humidade, havia clima. Ela não conseguia, sem o nome dele, transformar nada em ouro. Fazia os turnos da noite na fábrica têxtil. Esqueceu-se de que era uma rapariga do campo trocada na infância. Fiando, picou-se. Foi quando choveram rosas e as fadas todas choraram menos uma. Só falta que seja enterrada viva, sabendo que um beijo é menor do que uma fome demorada.

Jorge Sousa Braga

O silêncio é como se fosse água. Daquela água pura da montanha que se bebe directamente pelo coração.

Em 2015 disse à jornalista Raquel Marinho (na rubrica *O Poema Ensina a Cair*, do Expresso Online) que a poesia, para si, «é uma arte de viver».

Jorge Sousa Braga nasceu em Cervães, Vila Verde, em 1957. Há vários anos que vive no Porto, onde exerce medicina.

Publicou vários livros de poesia. Traduziu e antologiu autores como Jorge Luis Borges, Matsuo Bashô, Apollinaire, entre outros.

Muitos dos seus poemas estão reunidos por livros na antologia *O Poeta Nu*, publicado pela primeira vez pela Fenda em 1991 e reeditado pela Assírio e Alvim em 2014. É possível encontrar versos seus escritos a grafiti nas paredes de Lisboa, traduções suas de poetas inéditos em Portugal são generosamente por si partilhados nas redes sociais.

MEMÓRIA

*Invariavelmente as suas cartas
Traziam colagens de pétalas de*

*Rosas amores perfeitos papoilas
Sobre uma cartolina dura*

*E invariavelmente também um pêlo
Do púbis como assinatura*



Fotografia de Raquel Marinho

«A poesia a de JSB, tão atenta aos movimentos mais íntimos do mundo interior, como à detida contemplação do mundo exterior (sobretudo o mundo natural e animal), adquire uma inequívoca dimensão lírica e a força de uma inventividade que conta com uma poderosa máquina de conjugar»

Teresa Carvalho, i

Luís Quintais

*Quando Heitor foi morto por Aquiles
e em ira finalmente desatada
seu corpo arrastado ao redor da muralha de Ílion,*

*uma mudez percorreu o mundo.
De escândalo se arrepiaram os deuses
e as palavras, antes armadas de asas,
cessaram de habitar nosso sangue.*

«Os poetas contemporâneos portugueses, cada um à sua maneira, referem-se a um espaço arruinado pela vida, mas Luís Quintais indica mais antropologicamente a existência junto ao precipício», escreve Ida Alves da Universidade Fluminense.

Luís Quintais nasceu em 1968. Poeta, ensaísta, antropólogo e professor na Universidade de Coimbra. Publicou treze livros de poesia: *A imprecisa melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008), *Riscava a palavra ðor no quadro negro* (2010), *Depois da música* (2013), *O vidro* (2014), *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995* (2015), e *A noite imóvel* (2017). Foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Prémio Fundação Luís Miguel Nava, Prémio Fundação Inês de Castro, Prémio António Ramos Rosa, e Prémio Associação Portuguesa de Escritores (Teixeira de Pascoaes).

A sua página pessoal na web pode ser encontrada em:
luisquintaisweb.wordpress.com



«(...) voz singular, de um lirismo apurado no diálogo constante com várias tradições poéticas e depurado por uma subtil ironia que perpassa os poemas.»

Júri do Grande Prémio de Poesia
Teixeira de Pascoaes, 2018

ANFITEATRO

*Todas as formas de violência são indesculpáveis,
disse, e as sombras tombaram sobre a mesa.*

Assim é indesculpável a mudez em que rostos se fecham.

Um som vinha antecipar o sentido. A história alucina-se,

*disse, e algo cedeu nas sombras tombadas.
Eu anotei, e o olhar, o meu, derrapou no vidro*

*do anfiteatro, procurou a transparência. Mas era inverno,
inverno também ali, inverno sempre, e os plátanos*

*do outro lado, ali estando, tão indiferentes,
de uma beleza de cinza, um anátema,*

uma contemplação rasurada.

Margarida Vale de Gato

*Esta sarça é interdita a matilhas;
há que mudar a pele para comer
o fogo. Não que eu faça render
qualquer talento, ou tenha em vasilhas
semi-intactas ilustres maravilhas*

Evidente na sua poesia (e anterior a ela) a habilidade com que Margarida Vale de Gato molda a linguagem serve-lhe para a tradução.

O seu primeiro livro de poemas tem tido sucessivas edições a que vai acrescentando novos poemas: saiu este ano a terceira versão. Traduz e ensina. É professora e investigadora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nas áreas de Estudos Norte-Americanos e Tradução Literária. Dentro dessas áreas tem publicado ensaios e livros, sobretudo sobre Edgar Allan Poe — tradução e edição da sua *Obra Poética Completa* (Tinta da China, 2009), organização do livro planeado por Fernando Pessoa, *Principais Poemas de Edgar Allan Poe* (Babel, 2011) ou a co-edição de *Translated Poe* (Rowman & Littlefield, 2014). Tradutora literária de francês e inglês desde 1995, publicou versões em português de, entre outros, Michaux, Nathalie Sarraute, Yeats, Mark Twain, Marianne Moore, Nabokov, Kerouac, Iris Murdoch, Alice Munro. Com Rui Costa, escreveu a peça *Desligar e Voltar a Ligar* (Culturgest, 2011). Publicou os livros de poesia *Lançamento* (Douda Correria, 2016) e *Mulher ao Mar* (Mariposa Azual, 2010), este último recentemente aumentado, *Mulher ao Mar e Grinalda* (Mariposa Azual, 2018).

MULHER AO MAR

*MAYDAY lanço, porque a guerra dura
e está vazio o vaso em que parti
e cede ao fundo onde a vaga fura,
suga a fissura, uma falta – não
um tarro de cortiça que vogasse;
específico: é terracota e fractura,
e eu sou esparsa, e a liquidez maciça.
Tarde, sei, será, se vier socorro:
se transluz pouco ao escuro este sinal,
e a água não prevê qualquer escritura
se jazo aqui: rasura apenas, branda
a costura, fará a onda em ponto
lento um manto sobre o afogamento.*



*«Um ouvido sem igual
na sua geração, capaz
de produzir mudanças
de estado físico na
linguagem»*

Diogo Vaz Pinto, i

Programa Detalhado

Entrada livre
(sujeita à lotação disponível)

14 JUN

18h30

ADAM ZAGAJEWSKI
ANA LUÍSA AMARAL
JORGE SOUSA BRAGA

Moderação de Pedro Mexia

Sessão em português e inglês

21h30

Leituras com música
de Margarida Campelo

15 JUN

18h30

AMALIA BAUTISTA
HARRYETTE MULLEN
LUÍS QUINTAIS
MARGARIDA VALE DE GATO

Moderação de Maria Sequeira Mendes

Sessão em português, inglês e espanhol

21h30

Leituras com música
de Sérgio Pelágio

SOBRE ESTE ENCONTRO

«Os poetas foram escolhidos a pensar nos leitores de poesia portugueses. Nesta primeira edição contaremos com dois dias de programação, num equilíbrio entre poetas nacionais e estrangeiros.»

«Procurei variedade de género e de campos de escrita, em todos, e variedade de língua materna no que respeita aos estrangeiros. Em edições futuras podemos vir a fazer uma escolha por afinidade – de língua, de origem – mas este ano procurei a diversidade a este nível.»

Clara Riso

Directora da Casa Fernando Pessoa

Lisbon Revisited — Dias de Poesia é uma organização da Casa Fernando Pessoa com o apoio da Antena 2, Embaixada de Espanha e American Corners Portugal.

Para mais informações e marcações de entrevistas, por favor, contactar:
Margarida Ferra | margaridaferra@egeac.pt | 927 520 879 | 213 913 270

**Lisbon
Revisited**

DIAS DE POESIA



CASAFERNANDOPESSOA.PT